

O mar do Sertão tem ondas de eternidade¹

João de Mancelos

(Universidade da Beira Interior, Portugal)

Passo e amo e ardo.
Água? Brisa? Luz?
Não sei. E tenho pressa,
levo comigo uma criança
que nunca viu o mar.
— Eugénio de Andrade, *Mar de Setembro* (1961).

1. Numa terra de fantasmas que respiram

É um lugarejo perdido e sem nome, algures no nordeste brasileiro: árido, seco, batido pelo vento e pelo desencanto. Tal espaço é vasto no plano físico, mas implacavelmente claustrofóbico ao nível psicológico. A vila é habitada por gente simples e rude, sem visão de futuro, que procura sobreviver na míngua de bens materiais e reconstruir o afeto.

A maioria das personagens é carente, órfã de si e dos outros. A senhora Dores suporta um quotidiano solitário, saudosa da família, que migrou para São Paulo; Querência, uma mulher de meia-idade, viu a filha, ainda criança, partir para o pó da terra; Nataniel leva uma existência amargurada pela memória da esposa, que o atraíçou, e pelo desapontamento com o irmão, que pugna pela vida de artista.

Nesta terra de fantasmas que respiram, só duas pessoas parecem estar vivas: Joãozinho, um artista que canta e dança nas feiras, e Alfonsina, uma adolescente, arrebitada e sonhadora. Como no poema de Eugénio de Andrade, esta é a “criança que nunca viu o mar”. Deitada sobre a cama, a menina contempla, embevecida, uma parede de cal onde fotografias do oceano preenchem a silhueta do Brasil. Em breve, fará quinze anos e implora um só presente ao pai: que a leve ao mar.

Mas é difícil ser-se uma rapariga numa terra de velhos, onde os sonhos habitam um futuro qualquer, permanentemente adiado. Sem surpresa, o artista Joãozinho e a imaginativa Alfonsina criam um forte laço de empatia, pois ambos são almas sensíveis e abertas ao poder da criatividade como lenitivo para a dureza do mundo real. Protegem-se, trocam confidências, flertam em segredo. Eles *sabem*.

¹ Mancelos, João de. “O mar do Sertão tem ondas de eternidade”. *A história da eternidade: Roteiro original do filme*. Org. Camilo Cavalcante. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2020. 20-23. ISBN: 978-85-7858-854-020.

Num dos momentos mais significativos da narrativa, uma cena onde o gênio de Camilo Cavalcante se revela na plenitude, Joãozinho sai para o terreiro, sob o sol escaldante, e coloca na vitrola um disco com a canção “Fala”, na voz de Ney Matogrosso. Para gáudio de Alfonsina, o artista dança e dubla as palavras do célebre compositor e intérprete brasileiro. A letra da balada remete inequivocamente para as confidências e a empatia entre Joãozinho e a jovem:

Eu não sei dizer
nada por dizer
então eu escuto
se você disser
tudo o que quiser
então eu escuto.

A performance espontânea constitui um ato transbordante de beleza e de subversão, um milagre volátil, e deixa a jovem Alfonsina, deslumbrada. A população observa-o, estupefacta. Contudo, o espetáculo vale-lhe os insultos de Nataniel, que lhe chama palhaço, desprezando o ofício de artista. Joãozinho acaba jazendo no pó, em convulsões epiléticas. Não há lugar para a criatividade nesta terra dura. Porém, o sonho persiste. Sempre.

2. O ritual de invocação do mar

Um dos momentos climáticos da narrativa ocorre quando Joãozinho desafia Alfonsina e anuncia que, finalmente, lhe irá conceder o seu maior desejo: ver o oceano. Entusiasmada, a menina sai pela janela. O tio condu-la através dos campos gretados pela seca, até uma elevação rochosa, pontilhada por catos, onde param. Aí principia um ritual que tem tanto de mítico quanto de artístico, com raízes fundas na imaginação.

Joãozinho ordena a Alfonsina, com a voz solene de um xamã: “Fecha os olhos. Passa uma vassoura nessa mente. Dá uma espanada nos pensamentos. Presta atenção só na minha voz — que aqui mesmo, na nossa frente, Alfonsina, tem o mar. Azul. E um azul tão azul que chega a encandear a vista. O mar reluzente, resplandecente, que reflete a grandeza do céu, como um espelho gigante do infinito”. Joãozinho segura num fragmento de vidro e dirige-o para o céu.

“E as ondas. Olha só as ondas, como estão fortes! Elas vão e vêm no ritmo da maré. Ondas movimentadas pelo vento”. O artista encosta o búzio ao ouvido de Alfonsina. “Você consegue ouvir o barulho do vento e das ondas?” A adolescente replica: “Estou escutando. É mesmo o mar”. Joãozinho deixa tombar algumas gotas de água sobre a cabeça da menina,

substitutas da brisa e do barrufo do oceano, e conclui o ritual: “E agora, bem devagarinho, Alfonsina, abre os olhos e veja o teu presente de aniversário”.

A imagem corta para as cores frias das ondinhas espriando-se no areal, e o sorriso deslumbrado da adolescente perante a epifania do oceano. “Agora, bem devagarinho também, vai fechando os olhos. (...) De agora em diante, Alfonsina, quando tu quiser ver o mar, é só fechar os olhos e se concentrar, porque o mar está dentro de tu.”

3. Os amantes e os solitários; os crentes e os céuticos; os sonhadores e os malditos

No epílogo do filme, uma copiosa bâtega noturna desaba sobre tudo e todos: os amantes e os solitários; os crentes e os céuticos; os sonhadores e os malditos. A água que faz germinar a terra também liberta e redime os pecados. Alfonsina sai para a praça iluminada, cega de sol. Fecha os olhos com força, seguindo o ensinamento de Joãozinho. O ecrã tingem-se de negro, realçando o som curvilíneo das ondas. É longe, a milhares de quilómetros; está perto, na sombra da mente.

O lugarejo é ainda perdido; mas agora, à janela da eternidade, vê-se o mar. E o oceano tem ondas da cor da noite quando desce sobre o sertão. Uma planície tão negra que chega a ser azul. Como a fantasia em fuga de uma menina. Leva-a pela mão, leva-a. E deixa que ela te mostre o mar.

4. Coda

Assim é *A história da eternidade*, um filme que revela o talento do guionista/realizador, mestre em transmitir o “genius loci” ou espírito do lugar, em criar tensão entre as personagens, e em descortinar os sonhos mais etéreos, numa terra de pó e fogo. Nesta obra-prima, eu vi o futuro do cinema lusófono — e o seu nome é Camilo Cavalcante.